

ROGÉRIO TUMA

De volta à Idade Média

A epidemia de dengue desnuda as fragilidades do Rio, que negligenciou as ações de prevenção e sanitário

O prefeito do Rio de Janeiro parece um algarve. Não viu o perigo que a cidade corria quando deixou de investir em higiene básica, não ouviu ninguém nem soube aprender a lição das epidemias de 2001 e 2002, quando uma briga política fez o município perder 7 mil mata-mosquitos. Cesar Maia não abre a boca para pedir ajuda. Com discurso mu-

uma cidade da Idade Média, onde a alta concentração da população, a falta de higiene, o desconhecimento dos cuidados básicos, a ignorância dos governantes e a falta de recursos da medicina transformavam qualquer infecção contagiosa em um barril de pólvora.

Existem dois dados muito importantes nessa história. O primeiro é a pró-

medicina da Idade Média, o que demonstra nitidamente o despreparo e a ineficiência do sistema de saúde na capital.

Se a cidade é realmente abençoada por Deus, tudo pode ser apenas um alarme falso, com números maiores que os do ano passado, mas não tão altos como em 2002. A incidência da doença pode ter se iniciado antes e a curva de descenso já pode estar ocorrendo, como quer acreditar o algarve da cidade.

Os números parecem apontar para isso. Dos 150 bairros da cidade do Rio de Janeiro, em apenas 27 deles ainda há crescimento do número de casos. As regiões de Santa Cruz e Bangu são as que mais chamam a atenção, também os bairros do Flamengo, da Glória, no Botafogo, e o bairro da Abolição, no Meyer.

SAIBA MAIS

A seguir, uma relação de sites que podem ajudar a esclarecer as dúvidas de leitores, não apenas sobre as ações preventivas para evitar a proliferação da dengue, mas também sobre os sintomas da doença e as recomendações aos pacientes com suspeita de infecção pelo vírus. Em algumas páginas, a exemplo do site da Organização Mundial da Saúde, também é possível ter acesso a estatísticas sobre incidência da moléstia em diversos países e animações sobre o ciclo de vida do mosquito transmissor, o *Aedes aegypti*.



CAOS. As longas filas de infectados na porta dos hospitais revelam o despreparo do sistema de saúde

do, tenta convencer aos que esperam na fila para ser atendidos em um sistema hospitalar falido que a culpa é de outro.

É triste enxergar que tudo isso poderia e deveria ser evitado, pois não é preciso ser um sanitário para saber que é sempre melhor prevenir. Também é exponencialmente mais barato do que tratar a doença, isso sem contar o valor da vida humana.

A falta de ação e o provável desconhecimento sobre as ações necessárias de sanitário transformaram o Rio de Janeiro em

pria epidemia, que o prefeito considera perigosamente como uma ilusão. São 41,9 mil casos registrados no estado nos primeiros três meses deste ano, dos quais mais de 67% se concentram na capital. E, ao olhar com atenção os dados dos últimos anos, é fácil constatar que, após as epidemias, a elevada incidência de dengue se repete por ao menos dois anos.

O outro indicador preocupante é a alta taxa de mortalidade em relação aos casos de dengue hemorrágica, próximos ao da

Após os surtos, a incidência da moléstia pode continuar elevada por até dois anos

Fundação Oswaldo Cruz

www.fiocruz.br

Organização Mundial da Saúde

www.who.int/tdr/diseases/dengue/default.htm

Ministério da Saúde

<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/kidengue/index.html>

Programa Nacional de Combate à Dengue

<http://dtr2001.saude.gov.br/dengue/>
Secretaria Municipal de Saúde do Rio
www.saude.rio.rj.gov.br